

**1^{as} JORNADAS DE ARQUEOLOGIA
do nordeste alentejano 85**

actas



TESTEMUNHOS DO NEOLÍTICO E DO CALCOLÍTICO NO CONCELHO DE NISA

*J. C. Pires Caninas**

*F. J. Ribeiro Henriques**

1. Com esta contribuição pretendemos actualizar sucintamente o inventário dos monumentos do tipo dolménico (antas, na linguagem popular) do concelho de Nisa, recorrendo a publicações e a informações seguras. Esforço a que corresponde, igualmente, o desejo de divulgar um pouco melhor este importante património. Completamos essa lista com uma referência aos povoados e menires identificados na mesma região. Não tomamos idêntico procedimento em relação às estações da arte rupestre do Tejo, principalmente pela ausência de uma identificação consensual e extensiva dos conjuntos que interessaria incluir no período que estamos tratando, agravada, como está, pela variedade de periodização.

O historial das investigações pré-históricas realizadas no concelho ficará para outra oportunidade.

Todas as nossas considerações, seguintes, se baseiam em indicadores superficiais. Quer isto dizer que resultam de informações e amostras colhidas na ausência de escavação.

2. Antas

Exceptuando cinco casos, os monumentos da seguinte lista encontram-se localizados no mapa do concelho (Fig. 1)¹.

2.1. Inventário

N.º	TOPÓNIMO — POVOAÇÃO	BIBLIOGRAFIA — OBSERVAÇÕES
1-3	São Gens	LEISNER, 1959, pág. 5, 6 (n.c.), 7
4	Ribeira de Sor	» 7
5	Barroca dos Trancões	» 7
6-8	Saragonheiros	» 7, 8, 8
9	Vila de Nisa	» 8
10-12	Herdade das Lapas	» 8, 8, 8
13-14	Herdade do Maxial	» 8 (n.c.), 9 (n.c.)

N.º	TOPÓNIMO — POVOAÇÃO	BIBLIOGRAFIA — OBSERVAÇÕES
15	Herdade de Barros	LEISNER, 1959, pág. 9
16	Terra do Fazendeiro (de Cima)	» 9
17	Terra do Fazendeiro (de Baixo)	» 9
18	Charneca de J. Godinho	» 9
19	Lomba da Barca	» 9 c
20	Terreno do Navalhas	» 9
21	Vinha de A. Tonilha	» 9
22	Tapada da Eira das Bezerras	» 9
23	Eira	» 10 d
24	Vermelha	» 10 d
25	Caneiro	» 10 d
26	Caminho da Foz	» 11
27	Nave do Padre Santo	» 11
28	Terra das Naves	» 11
29	Salgueirinha	» 11
30	Atalaia	» 11
31	Lameira Longa	» 11
32	Vale Gateiro	» 12 n.c.
33	Perlim	» 12
34	Barreiras	HENRIQUES, 1980, n.º 100
35	Barreiras	» 101 anta?
36-37	Barro da Bica	» 102, 103
38	Cabeço da Águia — Pardo	» 106
39	Cabeço da Águia — Salavessa	» 107
40	Cabeço da Águia — Velada	» 108 n.c. c
41	Cabeço do Loulé	» 109
42	Cabeço das Taipas	» 110

N.º	TOPÓNIMO — POVOAÇÃO	BIBLIOGRAFIA — OBSERVAÇÕES
43	Cabeço das Taipas	HENRIQUES, 1980, n.º 111 anta?
44	Cabeço das Taipas	» 112 c
45	Cabeço do Tio Fidalgo	» 113
46	Cabeço dos Casarões	» 114
47	Cruzamento das Sesmarias	» 132 c
48-49	Dourados	» 133, c, 134 d
50	Lomba da Barca	» 158
51	Pêgo do Bispo	» 166
52-53	Salavessa	» 173 c, 174 c
54-55	Terra da Azinheira	» 207, 208 c
56	Terra da Frágua	» 209
57	Terra do Sobreirão	» 213
58	Redondo da Ferradura	MONTEIRO, 1978, Fig. 2 a
59-60	Ninho da Pêga	» » a, a
61	Tapada da Cerejeira	» » a
62	Pombo	» » b
63	Remédios	» » b
64	Palhais	» » b
65	Tapada do Curralinho	HENRIQUES, 1984, pág. 31
66	Tapada da Romélia	» 31 c
67	Naves	BATISTA, 1979 d
68	Tapada do Muro	HENRIQUES, 1985
69	Cabeço da Cerejeira	informação local
70	Joaquim Carrilho	inf. Serv. Reg. Arq. do Sul d

OBSERVAÇÕES

- Para não sobrecarregar o quadro apresentado referimos apenas a publicação principal referente a cada monumento. Uma lista mais completa de publicações pode encontrar-se nos trabalhos citados, principalmente em LEISNER (1959).
- Deste inventário tanto constam monumentos em bom, razoável ou mau estado de conservação, como monumentos completamente destruídos.
- Temos diversas informações sobre outros monumentos, nas regiões de Amieira, Velada, Salavessa e Montalvão.
- Só observámos uma parte dos monumentos que constam do inventário. Aproveitámos, portanto, trabalhos ou informações de outros autores.
- Abreviatura: n.c. = não cartografado.
- Em quatro casos (a) deduzimos o topónimo com base em informações nossas e da equipa de prospecção das Campanhas de Levantamento da Arte Rupestre do Tejo (relatório inédito).
- Em três outros casos (b), por omissão de topónimos na publicação, utilizámos o topónimo mais próximo existente na carta militar.
- Monumento destruído ou subterrado: c.
- Por gentileza do Serviço Regional de Arqueologia do Sul, tivemos acesso a um relatório elaborado pelo Dr. Jorge Oliveira acerca dos trabalhos de florestação no nordeste do concelho e seus efeitos sobre o património arqueológico. Aí se refere um monumento inédito (70) e outros destruídos por aqueles trabalhos (d).
- As localizações em mapa nem sempre são rigorosas.

2.2. Comentário

De momento e sem que isso possa constituir um dado definitivo (as prospecções não estão concluídas), os monumentos apresentam-se geograficamente distribuídos por dois grupos principais. Um grande conjunto, poderíamos mesmo dizer, uma grande necrópole, no recanto nordeste do concelho e tendo por limites naturais, muito vincados, a Serra de São Miguel, o Rio Tejo e o Rio Sever, respectivamente a oeste, norte e leste. Para sul de Nisa e a aproximadamente vinte quilómetros de distância do primeiro conjunto, situa-se um outro bastante mais reduzido.

Correspondem a dois sistemas geomorfológicos distintos (xisto-grauváquico e granítico) cuja fronteira acompanha aproximadamente o paralelo de Nisa. Os monumentos utilizam como material de construção a rocha disponível nas respectivas regiões, o que não acontece com dois menires descobertos na região setentrional.

O grupo megalítico de nordeste apresenta uma forte conexão geográfica com um troço fluvial densamente ocupado pelo complexo de arte rupestre do Tejo (HENRIQUES, 1980). A pequena necrópole do sul está próxima do importante grupo megalítico do Crato (ISIDORO, 1966), com o qual apresenta afinidade (GONÇALVES, 1981).

O grande adensamento da mancha megalítica na área nordeste pode dever-se a três factores: região privilegiada na edificação de túmulos, melhor conservação destes no tempo e a forte incidência da prospecção, pelas equipas de levantamento da arte do Tejo e pelas equipas do Núcleo Regional de Investigação

Arqueológica (actividade circunscrita ao norte do concelho; para norte de Montalvão, Senhora da Graça e Monte Matos).

Devido ao material de construção (xisto), às suas dimensões e, portanto, à facilidade do seu desmonte e, ainda, devido à implantação em locais sujeitos a forte erosão, os monumentos do norte do concelho, em média, apresentam um precário estado de conservação. Em nenhum caso encontramos vestígios da tampa.

Uma região como aquela, profundamente recortada, condicionou a sua localização em cumes e nas encostas mais suaves de cabeços, assentando tanto directamente na plataforma xistenta (Pêgo do Bispo), como em arcoses (Cabeço da Águia — Salavessa), cascalheiras (Terra da Azinheira) e depósitos de vertente (Tapada do Muro). Geralmente é difícil definir as mamoas, pelo estado de conservação e pela própria localização, confundindo-se estas com os relevos em que assentam. Integram-nas calhaus rolados (quartzito) mas principalmente quartzo leitoso.

São geralmente pequenas construções com boa distinção entre câmara (poligonal) e corredor. Mantendo embora a fisionomia, distinguem-se alguns monumentos de maiores dimensões, especialmente no corredor (Tapada do Muro, Salgueirinha e Naves). Notáveis são também dois monumentos em forma de bolsa e com cabeceira estreita (Vermelha e Cabeço das Taipas). Permanece como dúvida, se devemos considerar muitos destes monumentos como sendo dólmenes ou cistas, tendo em atenção dois factores: o processo de acesso no enterramento e o carácter quantitativo desse enterramento (singular ou colectivo).

Em alguns casos, como no Pêgo do Bispo, Cabeço da Águia — Pardo e também em Ródão, surgem integrando a estrutura dolménica esteios singulares, alongados, menos largos e mais espessos que os restantes, além de mais afeiçoados, mas em condições diferentes (posição e número) dos pares de monólitos das antas da Granja de São Pedro (ALMEIDA, 1971) e Penedos de São Miguel (GONÇALVES, 1981). Em conferência recente V. Oliveira Jorge citou um exemplo idêntico num dólmen nortenho.

É comum a ocorrência de esteios imbricados, facto já salientado pelo casal LEISNER.

Observámos diversas vezes, geralmente na câmara, a presença de esteios com entalhes, em forma de U, nos topos. São disso exemplo as antas da Tapada do Muro e da Terra da Azinheira e alguns monumentos de Ródão. O último caso é o de uma anta desproporcionadamente ampla (cerca de três metros de diâmetro), em relação à altura dos esteios, para ser admissível a cobertura com uma única tampa de pedra. Esta circunstância, associada aos curiosos entalhes (pormenor arquitectónico?), poderá dar um certo crédito à hipótese formulada por Tavares de Proença quanto a formas diferentes de fazer a cobertura da câmara em certas antas (PROENÇA JR, 1910). A avaliar pela planta e pela forma dos esteios, não se trata de uma thólos. Também não se exclui a hipótese de existirem ou terem existido na região monumentos daquele tipo.

Pela ausência de escavações científicas e sistemáticas nas antas desta região, não podemos tomar em consideração a pobreza dos espólios já publicados (LEISNER, 1959; BAPTISTA, 1979) ou daqueles de que temos conhecimento, como significando mobiliários sóbrios. A destruição total de um monumento, em Ródão, a anta do Farranhão (HENRIQUES, 1930), onde até àquele momento e apesar do seu acentuado estado de degradação apenas se tinham recolhido dois instrumentos de pedra polida e poucos fragmentos de cerâmica, revelou um espólio relativamente abundante e variado (pontas de seta, micrólitos, lâminas, um punhal, uma alabarda, contas, outros i. pedra polida e variada cerâmica, com especial destaque para alguns fragmentos de pratos de bordo almendrado)². Dos poucos espólios publicados³, salientamos a descoberta excepcional de quatro fragmentos de placas gravadas de xisto na anta das Naves (BAPTISTA, 1979).

3. Povoados

3.1. Inventário

A estação arqueológica que mais claramente consideramos um habitat situável cronologicamente no longo período que abordamos (Neolítico-Calcolítico), situa-se junto a Chão-da-Velha [1] (Fig. 1).

N.º	TOPÓNIMO	BIBLIOGRAFIA
71	São Pedro (Cabeço de)	HENRIQUES, 1980, n.º 188

A florestação, a que foi sujeito este local, talvez encubra um povoamento mais extenso.

Passamos a referir dois outros locais que, no entanto, devem ser tomados com algumas reservas.

72	Feia	HENRIQUES, 1980, n.º 144
73	Conhal	« « 128

Na Feia [2] (Fig. 1) parece ter existido um pequeno núcleo habitacional, a menos que a escassez do espólio se deva atribuir a uma insuficiência na prospecção de vestígios superficiais.

Na estação do Conhal [3] (Fig. 1) os vestígios líticos (indústria lítica em sílex e quartzito) ultrapassam largamente as recolhas cerâmicas (esporádicas), sendo aí necessário que um estudo atento desse material esclareça se se trata de uma fase antiga do Neolítico ou de vestígios anteriores. Na outra margem, num terraço do nível Q, na estação arqueológica de Vilas Ruivas, foi detectada uma fase mesolítica nos artefactos líticos de superfície (inf. do G.E.P.P.).

Não é de excluir a existência de níveis de ocupação do Neolítico-Calcolítico noutros antigos povoados da região norte de Nisa (Fig. 1), como sejam:

74	São Miguel	HENRIQUES, 1980, n.º 185
75	São Miguel	« « 186
76	Senhora da Graça (Castelinhos)	« 1984, pág. 28
77	Castelos de Cima	« 1980, n.º 124
78	Castelos de Baixo	« « 123

Nestes locais, encontram-se testemunhos que apontam para a Idade do Bronze, Ferro, Época Romana e Idade Média (?).

3.2. Comentário

Os povoados que melhor integramos no período em questão (São Pedro e Feia), à semelhança do que vimos observando no vizinho concelho de Ródão, situam-se nos planaltos correspondentes aos terraços do nível P (folha 28-B da Carta Geológica de Portugal, esc. 1:25 000), com cotas entre 250-300 m (cascalheiras sobre arcoses).

O conjunto dos povoados de Nisa sugere-nos uma correlação (provisória) entre cronologia e implantação (geomorfológica e altimétrica), que esboçámos no perfil da Fig. 2. Desses povoados, aqueles que são popularmente designados por castelos, têm por suporte directo a formação xisto-grauváquica e estão junto de importantes cursos de água secundários, analogamente ao que sucede com o Castelejo, de Tostão (HENRIQUES, 1984), com a cerca do Castelo, de Peral (HENRIQUES, 1983) ou com os Castelos, de Retaxo (HENRIQUES, 1980), na região de Ródão.

4. Menires

4.1. Inventário

São apenas dois os monumentos desta categoria claramente identificados no concelho de Nisa (Fig. 1). Situa-se nas proximidades da aldeia de Chão-da-Velha.

N.º	TOPÓNIMO	BIBLIOGRAFIA
79	Charneca do Vale Sobral	MONTEIRO, 1978
80	«	«

4.2. Comentário

São de granito e apresentam covinhas, motivo que surge com frequência na região circundante, em rochas ao ar livre, menires e esteios de antas. Nos apêndices daremos uma notícia mais ampla da ocorrência de covinhas e da existência de menires na região de Ródão — Nisa.

Na toponímia deste concelho referem-se dois locais que poderão encerrar, ou ter encerrado, menires. São eles a Horta da Pedra Alta e a Malhada da Pedra Alta, respectivamente nas freguesias de Santana e Montalvão.

5. Arte Rupestre do Tejo

5.1. Comentário

As estações arqueológicas deste complexo situam-se em ambas as margens do rio Tejo e seus principais afluentes, entre a confluência do Ocreza, a jusante e Herrera de Alcântara, no Tejo Internacional.

São diversas as periodizações defendidas para este complexo, muito diferentes embora parcialmente coincidentes, como a de Martinho Baptista (BAPTISTA, 1978), representada por uma cronologia curta, nas antípodas da proposta por Pinho Monteiro e Varela Gomes (GOMES, 1980). Outras são, as teses de E. Anati (ANATI, 1975) e de Cunha Serrão (SERRÃO, 1974). A periodização de Martinho Baptista é a que, aparentemente, mais ajustada está ao contexto arqueológico local, intensamente marcado por vestígios do Neolítico-Calcolítico.

6. Comentário Final

As considerações seguintes apoiam-se no que observámos relativamente à distribuição de monumentos e estações arqueológicas nos dois lados do Rio Tejo, numa região natural ocupada por xisto-grauvaques e atravessada por uma crista quartzítica. Os dois acidentes geográficos que a dominam são portanto o rio e a serra, os quais se cruzam no sítio das Portas de Ródão. Teremos, portanto, de ultrapassar os limites administrativos que balizam os trabalhos deste encontro.

No respeitante ao concelho de Nisa, vamos considerar apenas os testemunhos da região setentrional. Assinalam-se, na Fig. 1, outras estações e monumentos dos concelhos de Vila Velha de Ródão⁴ e Mação.

- A densa mancha megalítica do nordeste corresponde ao maior trecho da arte do Tejo (mais de 50% da totalidade das gravuras (SERRÃO, 1978)).
- Em três casos, observamos uma forte polarização entre povoados do Neolítico-Calcolítico e estações de arte rupestre:

o povoado do Castelo Velho da Zimbreira [4] (PEREIRA, 1970) e os conjuntos da margem direita da Ribeira do Ocreza, junto a Gardete;

o extenso povoado da Charneca de Fratel [5] e a estação de arte rupestre de Fratel (a maior);
em Nisa, o povoado de São Pedro [1] e a estação de Chão-da-Velha.

- Relativamente perto destes três povoados (na sua área de acção?) existem menires ou rochas exibindo covinhas.
- Na vizinhança dos povoados, em distâncias intermédias entre estes e as estações de arte rupestre, existem antas. O melhor exemplo deste modelo, que acabamos de representar, é o da região de Fratel [5]. O modelo, em que parece evidenciar-se uma mesma comunidade cultural, repartindo-se em ambas as margens do Tejo e em cada uma delas fazendo completamente a sua vida, apresenta, de momento, algumas falhas a que, talvez, não seja alheio o curso do tempo:

na região do povoado de São Pedro escasseiam as antas, por insuficiente prospecção (temos informações da existência de monumentos daquele tipo) e supomos que por uma maior incidência das destruições;

idêntico problema se coloca com o povoado da Zimbreira, ele próprio com uma implantação geomorfológica diferente. A rocha com covinhas está mais distanciada e no vale cavado da Pracana;

o pequeno povoado da Feia parece não representar bem o papel que lhe caberia, para aquela região, a menos que seja maior ou que exista um outro.

- Nos povoados de São Pedro (MONTEIRO, 1978), Charneca e outros do mesmo período, foram recolhidos exemplares de uma indústria de lascas em quartzito, de feição paleolítica, fenómeno aliás frequente nos terraços da região rodanense (GEPP, 1978; HENRIQUES, 1985) e podendo significar um alargamento do tempo de ocupação daqueles locais.

Resta pedir o veredicto à investigação, quanto à contemporaneidade e desenvolvimento comum dos componentes culturais apresentados (povoados, túmulos e «templos»), num modelo que ganhou alguns contornos pela identificação de um certo número de comportamentos idênticos, em ambos os lados do rio Tejo, esse acidente geográfico cujo papel terá sido o de elemento ligante e aglutinador de comunidades humanas.

Sendo estes componentes fundamentais para a definição de um completo quadro de vida, nesta região, durante o Neolítico-Calcolítico, pela participação dos aspectos, quotidiano, artístico e sagrado, necessitam de uma protecção urgente. Muito especialmente os monumentos de tipo dolménico, agora seriamente ameaçados pelos trabalhos de florestação (plantio de eucaliptos). Problema que é complicado pela ausência de um quadro legal de defesa — Ordenamento do Território — no sentido da disciplina das actividades económicas, agravado, por outro lado, pela difícil colaboração entre as empresas públicas e privadas do sector da celulose e os organismos técnicos de defesa e estudo do património arqueológico.

7. Apêndices

7.1. Placas gravadas de xisto de Nisa e Vila Velha de Ródão

NISA

QUANTIDADE	TOPÓNIMO	JAZIDA	BIBLIOGRAFIA	OBSERVAÇÕES
1	Herdade do Maxial	anta (13)	LEISNER, 1959	completa
4	Naves	anta (67)	BATISTA, 1979	fragmentos
1	Terra da Azinheira	anta (54)	inédita	fragmento

VILA VELHA DE RÓDÃO

1	Cabeço d'Ante	anta	inédita	fragmento
---	---------------	------	---------	-----------

As peças inéditas foram apenas referidas numa publicação sobre os respectivos monumentos (HENRIQUES, 1980).

7.2. Menires de Nisa e Vila Velha de Ródão

Em Nisa já referimos a existência de dois menires (79, 80), gravados com covinhas. Juntámos então duas pistas topónimicas eventualmente apontando para dois outros monumentos.

Em Vila Velha de Ródão existe o que parece ser o fragmento de um menir exibindo também covinhas. Integra uma parede de uma dependência no Monte do Lucriz (HENRIQUES, 1985). Ainda não se confirmou (HENRIQUES, 1980) a existência de menires em Monte Fidalgo, Fantel (Fratel) e Ribeira de Alcafalla (Açafal) (SANTOS, 1972 e ZBYSZEWSKI, 1977). Notícias, mais antigas (COSTA, 1868) referem-se à existência de antas nos locais supra-citados.

7.3. Monumentos com covinhas na região de Ródão — Nisa

7.3.1. Inventário

TOPÓNIMO	CONCELHO	BIBLIOGRAFIA	QUANT.	SUPORTE	OBSERVAÇÕES
Ribeira da Pracana	Mação	GOMES, 1977	c. 100	afloramento	
Naves	Nisa	BATISTA, 1979	10	esteio	anta (67)
São Gens	Nisa	LEISNER, 1959	9	esteio	anta (1) estampa 1.1.1.
Saragonheiros	Nisa	LEISNER, 1959	2	esteio ?	anta (7) estampa 1.3
Vale Sobral	Nisa	MONTEIRO, 1978	24	menir	(79)
Vale Sobral	Nisa	MONTEIRO, 1978		menir	(80)
Monte do Lucriz	V. V. Ródão	HENRIQUES, 1985		menir ?	fragmento
Ribeiro da Malaguarda	V. V. Ródão	inédito	c. 100	afloramento	
Sarnadas de Ródão	V. V. Ródão	DIAS, 1972		esteio	anta da necrópole de Sarnadas

As covinhas assinaladas nas antas de São Gens e Saragonheiros foram observadas nas plantas publicadas pelo casal LEISNER.

As covinhas do Ribeiro da Malaguarda foram descobertas durante uma campanha de prospecção efectuada pelo NRJA, na freguesia de Fratel, em 1984.

7.3.2. Comentário

Este motivo rupestre tem-se vindo a revelar frequente na região de Ródão — Nisa. Surge como um tema isolado, de certa forma marginal em relação à arte do Tejo, onde está pouco representado. A sua versatilidade afirma-se na variedade de suportes, quanto à natureza e função e quanto à técnica de gravação. Surge em afloramentos bem patinados situados em vales encaixados, como é típico da arte do Tejo. Assim sucede na ribeira da Pracana. Aí existem dois painéis, com mais de cem covinhas, produzidas a picotado. Em igual quantidade, aparecem perto de Fratel num afloramento menos erodido, das margens suaves de um pequeno ribeiro, a cota superior e patenteando uma técnica diferente (ribeira da Malaguarda). No painel da Malaguarda, como no primeiro menir de Vale Sobral, existe uma grande diferença de diâmetros, sobresaindo uma grande covinha em posição central.

Os suportes são variados, xisto-grauvácicos ou graníticos, rochas, esteios de antas ou menires. Exemplos idênticos podem encontrar-se em regiões vizinhas, da Beira Baixa e do Alto Alentejo. No entanto, aqui, os conjuntos mais expressivos encontram-se em menires e em afloramentos.

A sua cronologia é problemática. São muito largos os limites do seu horizonte temporal (MONTEIRO, 1978). Devemos, no entanto, reconhecer a sua insistente associação com o megalitismo, em antas e menires (presentes nos três menires assinalados), nesta região. Parte das covinhas do menir 1 de Vale Sobral foram gravadas antes da erecção do monumento, porque ficariam ocultas, facto igualmente observado noutros menires (MONTEIRO, 1978). Aparentemente existe uma analogia entre os conjuntos presentes em menires e rochas. A covinha é o motivo único e, em dois casos, a composição (tema) é idêntica, no destaque de uma grande covinha. Outro comportamento comum afirma-se na relação de proximidade com povoados do Neolítico-Calcolítico.

7.4. Perfil (Fig. 2)

O perfil da Fig. 2 sugere-nos uma correlação entre a cronologia dos povoados assinalados e a sua implantação topográfica.

Aqueles locais que evidenciam uma ocupação durante o Neolítico-Calcolítico (tipo 1) correspondem a níveis de cascalheira, geralmente situados entre os 250 e os 300 metros de altitude. Esta observação é válida para ambos os lados do rio Tejo, na região dos xistos, e verifica-se em São Pedro e Feia, bem como noutras estações, do concelho de Ródão.

A já mencionada estação do Conhal (não consta do perfil), porventura de uma fase mais antiga, situa-se num nível de cascalheira, inferior (menos de 100 m), mais recente em idade geológica e, portanto, mais próximo do Tejo.

Na Serra de São Miguel (tipo 2), troço meridional de uma alta crista quartzítica, descobriram-se cerâmicas de engobe brunido (Idade do Bronze). Materiais do mesmo tipo ocorrem no Monte de São Martinho (Castelo Branco) (BAPTISTA, 1980), também um povoado montado num afloramento quartzítico, mas com uma ocupação mais longa.

Finalmente, aquelas estações (tipo 3) que a toponímia designa por Castelos e Castelejos (em Ródão e Nisa), situam-se junto a importantes cursos de água secundários, afluentes do Tejo ou afluentes de afluentes do Tejo, directamente sobre a formação xistosa. Nenhuma destas estações está estudada, pelo que apenas podemos dizer que ali se encontram materiais que apontam provisoriamente para a Idade do Ferro, Época Romana e Idade Média (?).

Relativamente perto dos povoados do primeiro tipo, encontramos menires e afloramentos gravados, antas e, e um pouco mais longe, nos vales fundos, as famosas estações com gravuras rupestres marteladas. Este tipo de ligação, baseada na distância, não se verifica para os outros povoados (tipo 2 e 3).

Os povoados do tipo 1 e 2 podem considerar-se povoados de cumeada. Diferenciam-se em dois outros aspectos, para além dos já apontados:

na região em causa, os primeiros correspondem a máximos relativos de altitude, enquanto o único povoado do tipo 2 representa um máximo absoluto;

nos primeiros não existem, aparentemente, estruturas defensivas ou de outro tipo, em pedra.

Os povoados do tipo 3, dispondo embora de boas defesas naturais, geralmente reforçadas por uma muralha, são imediatamente cercados por cotas superiores. Portanto, ao contrário dos anteriores, não têm condições para vigia.

NOTAS

- Membros do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.

¹ Para evitar uma sobrecarga visual, nem todos os locais assinalados no mapa se encontram numerados, sendo fácil a sua identificação recorrendo à bibliografia.

² Parte desse espólio encontra-se exposto no Museu de Arqueologia do Centro Municipal de Cultura de Vila Velha de Ródão.

³ Merece destaque especial a colecção de artefactos pertencentes ao Dr. José Fraústo Basso (Nisa), provenientes das antas do Sever, e os espólios das antas 1 de São Gens, 1 e 2 de Saragonheiros e 1 da Herdade do Maxial (LEISNER, 1959).

⁴ A quase totalidade das estações e monumentos assinalados (povoados, antas e rochas gravadas), na parte leste do concelho de Ródão, corresponde às descobertas durante uma campanha de prospecção efectuada pelo NRJA, em 1984 na freguesia de Fratel, e em que participaram para além dos signatários, F. Henriques e J. Caninas, Joaquim Batista, António Tomás Henriques, António Pequito, Francisco Matos Marques e Vitorino Afonso.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, D. Fernando e O. Veiga Ferreira (1971): *Um Monumento Pré-Histórico na Granja de São Pedro (Idanha-a-Nova)*, Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970), vol. 1, pp. 163-168;
- ANATI, Emmanuel (1975): *Incisioni rupestri nell'alta valle del fiume Tago, Portogallo*, «Bol. del Centro Camuno di Studi Preistorici», XII, pp. 156-160.
- BAPTISTA, António Martinho, Maria Manuela Martins e Eduardo da Cunha Serrão (1978): *Felskunst im Tejo-Tal-São Simão (Nisa, Portalegre), Portugal*, «Madrider Mitteilungen», 19, pp. 89-11.
- BATISTA, Joaquim e Manuel Leitão (1979): *Um Monumento Dolménico nas Naves (Montalvão — Nisa)*, «Estudos de Castelo Branco», 5, Nova Série, 15 p.
- BATISTA, Joaquim (1980): *O Povoado de São Martinho*, comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia (Faro, 1980) (no prelo).
- COSTA, F. A. Pereira da (1868): *Monumentos Prehistóricos. Descrições de alguns Dolmens ou Antas de Portugal*, Memória da Academia Real das Ciências, Lisboa.
- DIAS, José Lopes (1972): *Francisco Tavares de Proença Jr. Fundador do Museu de Castelo Branco (Vida e Obras)*, «Estudos de Castelo Branco», 40.
- GOMES, M. Varela e J. Pinho Monteiro (1977): *Rocha com covinhas na Ribeira da Pracana*, «O Arqueólogo Português», série III, vol. VII-IX, pp. 95-99.
- GOMES, M. VARELA (1980): *Arte do Tejo*, «Enciclopédia Verbo», 20, pp. 1300-1304.
- GONÇALVES, Victor, Françoise Treinen-Claustre e Ana Arruda (1981): *Anta dos Penedos de São Miguel (Crato) — campanha 1 (81)*, «Clio», Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa, 3, pp. 153-164.
- Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (1978): *O Paleolítico do Ródão*, Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1, pp. 71-77.
- HENRIQUES, Francisco J. R. e J. C. Pires Caninas (1980): *Contribuição para a Carta Arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (1)*, «Preservação», 3, 67 p.
- HENRIQUES, Francisco e Carlos Caninas (1983): *in Elementos para um inventário de estações arqueológicas: prospecção e reconhecimento*, «Informação Arqueológica», 3 (1980), p. 10.
- HENRIQUES, Francisco, Carlos Caninas e António Henriques (1984): *in Achados, prospecções e reconhecimentos*, «Informação Arqueológica», 4 (1981), pp. 28-33.
- HENRIQUES, Francisco, Carlos Caninas e António Henriques (1985): *in Achados, prospecções e reconhecimentos*, «Informação Arqueológica», 5 (1982 e 1983), no prelo.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1966): *Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo)*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XX, fasc. 1-2, pp. 29-57.
- LEISNER, George e Vera (1956-59): *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel — der Westen*, «Madrider Forschungen», vol. 1, 2 tomos, Berlin.
- MONTEIRO, J. Pinho e M. Varela Gomes (1978): *Os menires da Charneca do Vale Sobral (Nisa)*, «Revista de Guimarães», vol. 87, 17 p.
- PEREIRA, Maria Amélia Horta (1970): *Monumentos Históricos do Concelho de Mação*, Câmara Municipal de Mação, 610 p.
- PROENÇA, Jr. Francisco Tavares (1910): *Archeologia do Distrito de Castello Branco — 1.ª Contribuição para o seu estudo*, Leiria, 25 p.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1972): *Pré-História de Portugal*, Ed. Verbo, 175 p.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha (1974): *L'Art Rupestre de la Vallée du Tage*, «Les Dossiers de l'Archéologies», Merveilleux Trésors du Portugal, pp. 46-51.

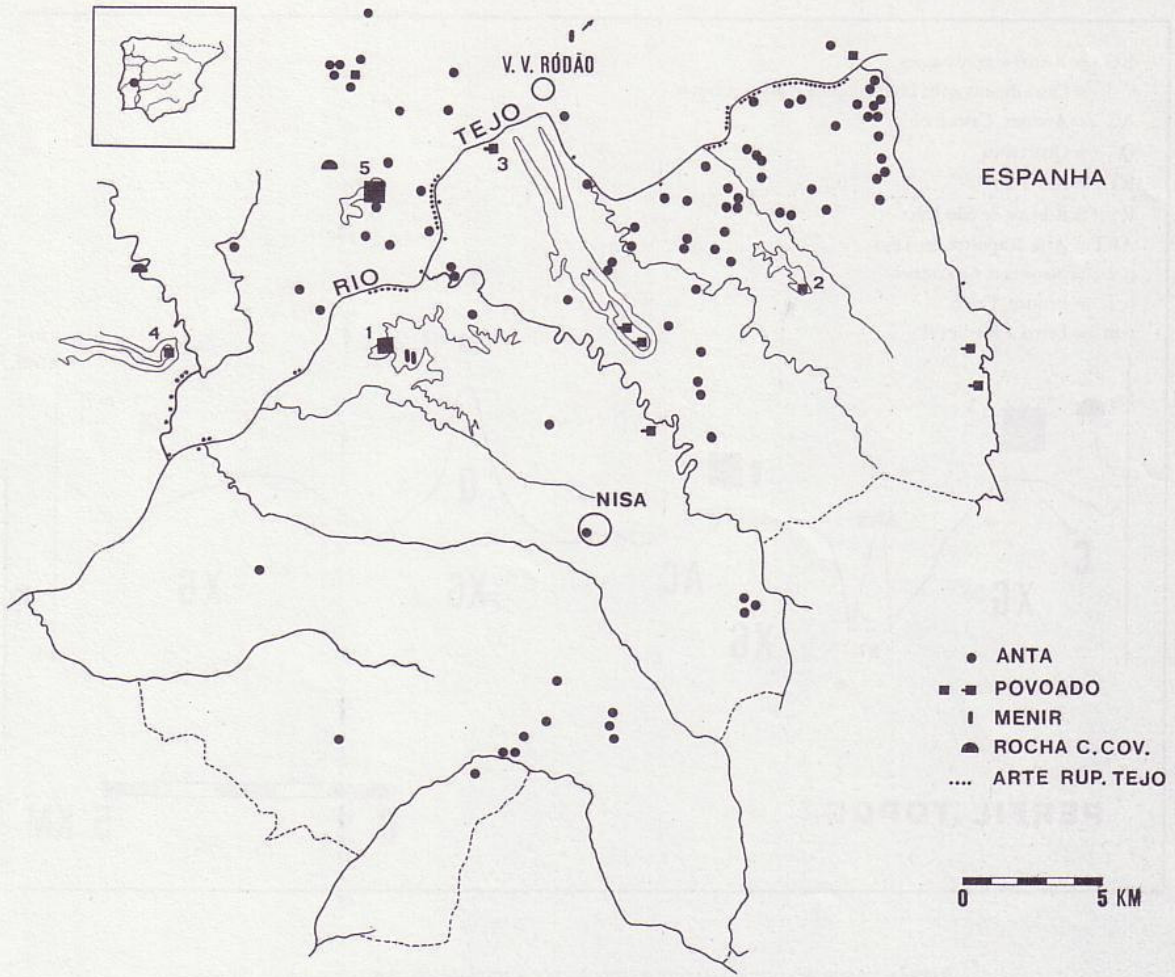


Fig. 1: Situação do concelho de Nisa e dos monumentos aí localizados.

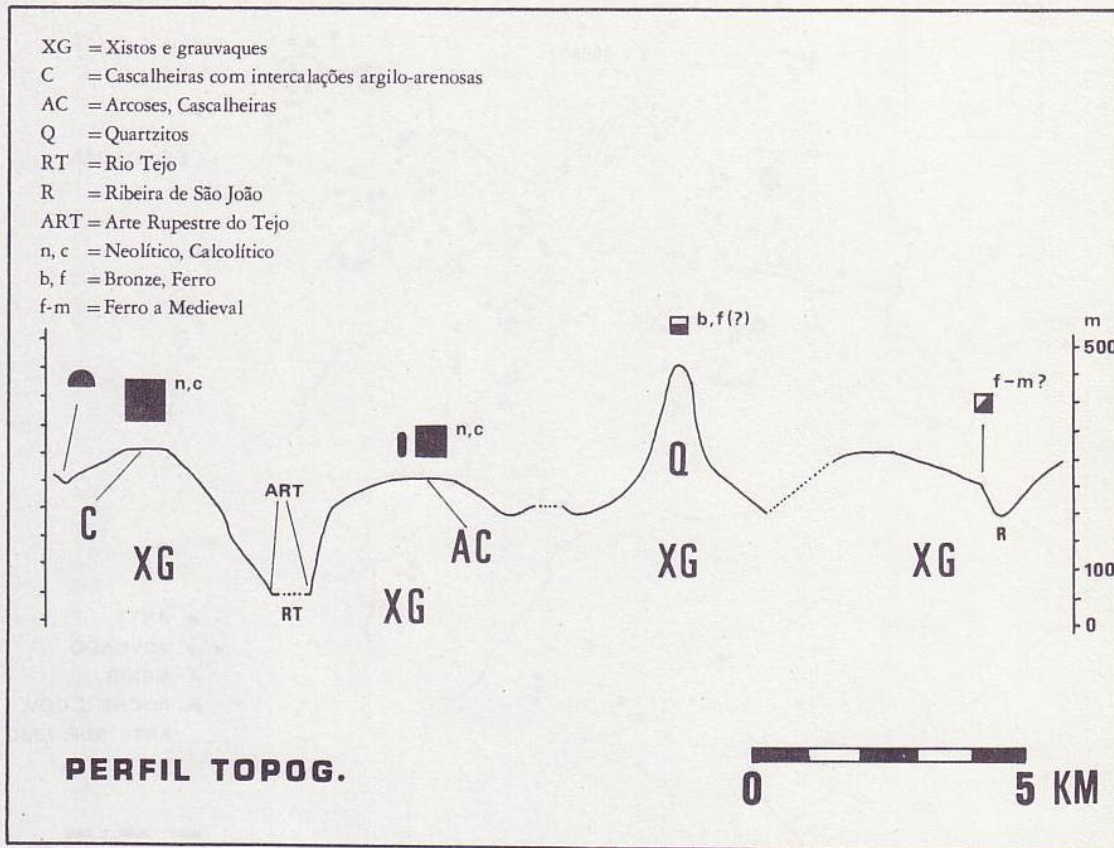


Fig. 2: Ensaio de correlação entre a cronologia e a implantação dos povoados de Nisa.